

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
8 e 24 de Junho de 2022

IKARIE XB-1 / 1963

Um filme de Jindrich Polák

Realização: Jindrich Polák / Argumento: Jindrich Polák e Pavel Juráček, baseado num romance de Stanislaw Lem / Direcção de Fotografia: Jan Kalis / Direcção Artística e Cenários: Karel Lukas e Jan Zazvorka / Música: Zdenek Liska / Som: Bohumir Brunclik e Jaromir Svoboda / Montagem: Josef Dobrichovsky / Interpretação: Zdenek Stepánek (Vladimir Abajev), Frantisek Smolik (Anthony Hopkins), Dana Medrická (Nina Kirova), Irena Kacirková (Brigitta), Radovan Lukavsky (MacDonald), Otto Lackovik (Michal), Miroslav Macháček (Marcel Bernard), Jiri Vrstaka (Erik Svenson), Rudolf Deyl (Ervin Herold), etc.

Produção: Estúdios Barrandov / Produtor: Rudolf Wolf / Cópia: Digital, preto e branco, falada em checo com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 87 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Ikarie XB-1, como outros filmes nascidos na tradição da ficção científica do Leste europeu (que nos anos 1960 era também um Leste político), até teve alguma vida internacional na época de estreia. Foi comercialmente exibido em países ocidentais, e até teve uma remontagem especificamente para o mercado americano, que se chamou *Voyage to the End of the Universe* e, diz-se, teria sido a inspiração para o final de **Planet of the Apes**, o filme de Franklin Schaffner estreado em 1968.

Mas, se depois **Ikarie XB-1** “hibernou” durante muitos anos, a sua redescoberta internacional deu-se sob a égide de outro filme estreado em 1968, o **2001 – A Space Odyssey** de Stanley Kubrick. É, actualmente, um dos grandes motivos da reconquistada popularidade do filme de Jindrich Polak, e bastam alguns planos – os decores da nave, a maneira de enquadrar os astronautas, até, mais tarde, o próprio computador central, e uma série de outras cenas e sequências como as do contacto das personagens a bordo com a família que ficou em Terra – para que as semelhanças entre os dois filmes tornem impossível a ideia de que Kubrick não conhecesse o filme, e que ele não tinha sido importante para a concepção – visual, sobretudo, mas não apenas – do seu lendário filme que apenas veria a luz do dia (ou o escuro da sala) sensivelmente cinco anos depois da estreia da obra que vamos ver. Alguns comentadores mencionam também a importância que **Ikarie XB-1** terá tido sobre outro famosíssimo filme de “fc” dos anos 1970, o **Solaris** de Tarkovski. Mas aí, sem negar as familiaridades, será porventura menos uma questão de inspiração e mais uma questão, justamente, de “familiaridade”: **Solaris** vem do mesmo “ambiente”, da mesma tradição (a “fc” da Europa oriental) com forte pendor para a “metafísica”, e de alguma forma atestando isto regista-se que a base literária é comum ao filme de Polák e ao filme de Tarkovski, visto ambos se basearem em romances do escritor polaco Stanislaw Lem.

Admitindo que, de facto, é difícil ver **Ikarie XB-1** sem que a cabeça do espectador esteja sempre a disparar comparações ou lembranças do Kubrick de 1968 (se a experiência do espectador que descobre este filme for similar à nossa, várias serão as vezes em que interiormente exclamará “olha!”, “aha!”, e outras interjeições de admiração e reconhecimento), é injusto para o filme de

Polák ver-se reduzido à condição de precursor do 2001. De resto, Jindrich Polák (1925-2003), de obra bem pouco conhecida (hoje, pelo menos) fora das fronteiras do seu país natal, é considerado um dos mestres do cinema de ficção científica checo, embora uma consulta da sua filmografia não indicie que este tenha sequer sido o género em que mais se exprimiu – mas é verdade que noutro filme checo incluído neste ciclo, o **Krakatit** de Otákar Vávra, lá encontramos o seu nome, creditado como assistente de realização. E a verdade é que, se os cenários, e o “design” em todos os sentidos aplicáveis da palavra, são um aspecto proeminente de **Ikarie XB-1**, o ritmo narrativo, aquela dormência (o tédio de uma viagem intergaláctica que demora anos e anos...) que toma conta do ambiente e das personagens, reforçada pela tendência para os monólogos e para as ruminções, não são uma questão de “cenário” nem de “design”, mas obra de “metteur en scène”.

E a melancolia “antropológica” que escorre ao longo de **Ikarie XB-1**, se pode ser emparceirada com muitos outros exemplos de ficção científica (de leste e de oeste) de visão prospectiva não muito optimista (a acção do filme de Polak passa-se no século XXII), também é aquilo que mais devolve o filme ao seu tempo e ao seu ambiente histórico. 1963 não era apenas e genericamente o tempo da Guerra Fria, era o tempo de um dos seus picos mais alarmantes (as crises do Muro de Berlim e dos mísseis de Cuba), que estavam obviamente presentes no espírito de qualquer um (e não como “memória”, mas como parte de uma vivência que ainda era “actual”). O pessimismo, que tem bastante de uma advertência moral, exalado pelo filme de Polák tem obviamente que ver com isto, ou pelo menos não pode ser desligado do momento histórico. Se o filme propõe uma espécie de superação das divergências do momento – a tripulação “multinacional” da nave, onde aparentemente cabe tudo, até americanos – inclui referências a um apocalipse nuclear, em particular na sequência em que a **Ikarie** encontra uma nave do século XX carregada de explosivos nucleares e com toda a tripulação morta, mas vestida como se estivesse num cruzeiro marítimo (analogia que também pode ser empregue para alguns momentos e detalhes das cenas a bordo da nave que dá título ao filme): é uma espécie de caricatura da “sociedade capitalista ocidental”, e politicamente, por certo o momento mais significativo de **Ikarie XB-1**.

Luís Miguel Oliveira